

CRIAÇÃO E DESTRUIÇÃO DE POSTOS DE TRABALHO FORMAIS: uma análise sobre a região Nordeste de 2001-2016

Eixo Temático: Trabalho e Renda

RESUMO: A dinâmica do mercado de trabalho, foi posto neste estudo partindo de uma interpretação específica, sendo ela a criação e destruição bruta e líquida de empregos formais pelo lado da demanda, objeto de pesquisa deste trabalho. O espaço temporal estudado foi de 2001 a 2016, enquanto a análise espacial voltou-se para a região Nordeste. Diante disso, o trabalho preocupou-se em analisar a dinâmica do mercado de trabalho nordestino pelos principais setores que se destacaram na região: Administração pública, serviços, comércio, indústria de transformação e por tamanho de estabelecimentos segundo classificação do SEBRAE: micro, pequenas, médias e grandes empresas. Além disso, os resultados mostraram como a dinâmica do emprego formal se comporta entre dois períodos distintos.

Palavras-chave: Criação. Destruição. Nordeste. Emprego.

ABSTRACT: The dynamics of the labor market, was put in this study starting from a specific interpretation, being the creation and destruction of gross and net formal jobs by the demand side, object of research of this work. The time space studied was from 2001 to 2016, while the spatial analysis turned to the Northeast region. In view of this, the work was concerned with analyzing the dynamics of the Northeastern labor market by the main sectors that stood out in the region: Public administration, services, trade, manufacturing industry and by size of establishments according to SEBRAE: micro, small, medium and large companies. In addition, the results showed how the dynamics of formal employment behave between two distinct periods.

Keywords: Creation. Destruction. Northeast. Job.

1. INTRODUÇÃO

O mercado de trabalho é uma das variáveis que mais intrigam o campo das Ciências Econômicas, tendo discussões nas mais diversas áreas de pensamento econômico que passam a analisar como se dá a determinação dos salários, quais decisões necessárias para que uma empresa contrate ou demita um trabalhador, quais as variáveis que podem afetar o preço dos produtos de determinada firma e como ocorre a dinâmica de oferta de trabalho.

Dentre essas discussões, o presente trabalho se baseia naquela originalmente levantada por Davis e Haltiwanger (1992) que trata sobre o processo de criação (*Job Creation, JC*), destruição (*Job Destruction JD*) e variação líquida (*Net employment growth - NEG*) de emprego no mercado de trabalho, uma abordagem que analisa a dinâmica do emprego a partir da ótica da demanda.

Dessa forma, a pesquisa se faz importante na medida que passa a contribuir na identificação da heterogeneidade por parte da demanda por empregos (firmas) e como estas tem impacto na dinâmica de criação e destruição de empregos na região nordestina entre 2001 e 2016, apresentando, pois, a análise do ponto de vista da criação e destruição de postos de trabalhos formais por principais setores da atividade econômica.

Diante disso, o trabalho se propõe a responder o seguinte problema: identificar em que ponto o mercado de trabalho nordestino começa a desacelerar diante às intempéries que surgem na estrutura econômica e como esses problemas acabam afetando a demanda por trabalhadores.

Toda análise desenvolvida no presente trabalho partiu de uma iniciativa acadêmica desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Macroeconomia (GRAMMA) – vinculado ao departamento de economia – por meio do projeto de pesquisa “Criação e Destruição de Empregos Formais na Região Nordeste: uma análise da dinâmica das principais cidades no período de 2001 a 2016”, aprovado em 2018, que visa o mapeamento do mercado de trabalho em toda região nordestina e sua dinâmica de criação e destruição de postos de trabalho formais.

Dessa maneira, o objetivo da pesquisa será destinado a pontuar até que momento o Nordeste possui uma aceleração no mercado de trabalho formal e quando este começa a entrar em declínio no período de 2001 a 2016. E como objetivos específicos, considera-se: identificar as taxas de criação líquida de empregos formais no Nordeste; verificar o impacto dos principais setores sobre a dinâmica no período e analisar como se dá a dinâmica de criação e destruição de empregos por tamanho de estabelecimentos. Posto isto, a pesquisa surge com dois instrumentos metodológicos para seu estudo, sendo eles: a) pesquisa bibliográfica e b) base de dados estatísticos para a elaboração das análises – com viés pelo lado da demanda – coletados a partir de um contrato formal realizado entre o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e o GRAMMA, no qual o tratamento de dados foi feito de acordo com as técnicas estatísticas baseadas em Davis e Haltiwanger (1992).

Para atingir os objetivos propostos, o presente trabalho é dividido em cinco partes. A primeira é esta introdução, a segunda refere-se à seção 2 que apresenta a análise de criação e destruição de empregos no Nordeste em todo período de 2001-2016, a terceira corresponde a seção secundária 2.1 que apresenta o processo de criação e destruição por setores e como se

deu essa dinâmica em dois períodos distintos: auge e declínio, enquanto a quarta parte equivale a seção 2.2, que trata da análise da dinâmica do mercado de trabalho formal por tamanho de estabelecimentos. E, por último, a conclusão, fazendo uma breve recapitulação de todos os resultados de acordo com a problematização apresentada.

2. CRIAÇÃO E DESTRUIÇÃO DE EMPREGOS FORMAIS NA REGIÃO NORDESTE

Esta seção irá tratar como se deu o avanço do processo de criação e destruição de postos de trabalhos formais no Nordeste e as principais condicionantes que impulsionaram e atenuaram esse processo em períodos distintos.

A primeira definição usada como medida é a taxa de criação de empregos (*job creation*) que é a soma das variações positivas (ou variação nula) de emprego das empresas, ou seja, é o número de postos de trabalho criados entre $t-1$ e t , levando em consideração todas as empresas que expandiram postos de trabalho no respectivo período. De

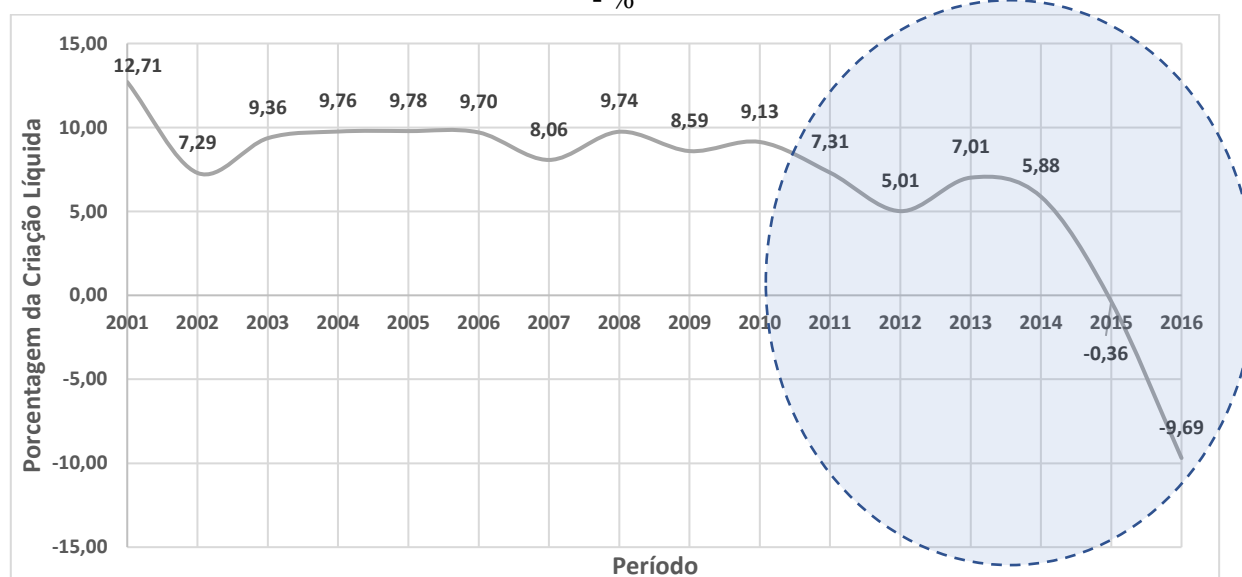
maneira inversa, a taxa de destruição (*job destruction*) corresponde a soma das variações negativas de postos de trabalhos nos estabelecimentos em relação a percentagem de emprego médio, ou seja, é o número de postos de trabalho destruídos entre $t-1$ e t , levando em consideração todas as empresas que reduziram o número de empregos. A terceira medida é a taxa de variação líquida de emprego de uma economia ou setor (*Net Employment Growth*, NEG), que é basicamente a diferença entre as taxas de criação (JC) e as taxas de destruição (JD) entre $t-1$ e t . (PAZELLO et. al. 2000; DAVIS & HALTIWANGER, 1999; RIBEIRO, 2007; RIBEIRO & PEREIRA, 2006; CENTENO et. al. 2007).

Tomando a variação líquida (NEG) como medida de referência para a análise dos resultados sobre a dinâmica do emprego formal na região nordestina, observou-se que o Nordeste possui uma tendência ascendente e relativamente estável de 2001 a 2010 – com poucas oscilações –, período que corresponde ao primeiro e segundo governo Lula. No entanto, a partir de 2011, essa tendência começa a cair, seguindo nos anos seguintes, sem recuperação posterior, período que já se manifesta no primeiro e segundo governo Dilma/Temer. A média de todo o período quanto à taxa de criação líquida de postos de trabalho formais foi de 6,83% ao ano, mas devido a identificação de dois ciclos diferentes em relação à dinâmica de formalização no mercado de trabalho, procurou-se dividir a série histórica em dois períodos distintos: o primeiro de auge e o segundo de declínio da dinâmica de crescimento formal do emprego.

O primeiro corresponde ao período de 2001 a 2010 e o segundo que se estende de 2011 a 2016. Ambos períodos se comportam de maneira distinta, o primeiro que confere ao período de auge, é caracterizado pelo processo de crescimento de empregos formais¹, com taxa média de crescimento líquido de empregos de 9,41% a.a. e o segundo período, com taxa média de criação da ordem de 2,53% a.a., caracterizado pela desaceleração desse processo até a destruição líquida de empregos nos dois últimos anos da série, 2015 e 2016.

É possível afirmar que nos últimos 6 anos, a taxa de criação líquida é quase quatro vezes inferior ao primeiro período no Nordeste, passando por um processo de desaceleração do mercado de trabalho formal, interrompendo toda a trajetória de ascendência e estabilidade na região que se encerra em 2010. Essa pujança pode ser medida comparando as duas taxas líquidas correspondentes aos dois períodos, de forma que a média dessa taxa no último período não chega a 30% da que se destaca no primeiro, demonstrando um trágico processo de desaceleração. Essa dinâmica pode ser melhor identificada no gráfico abaixo:

Gráfico 1 – Taxa de Criação Líquida de postos de trabalhos formais no Nordeste (2001-2016)
- %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

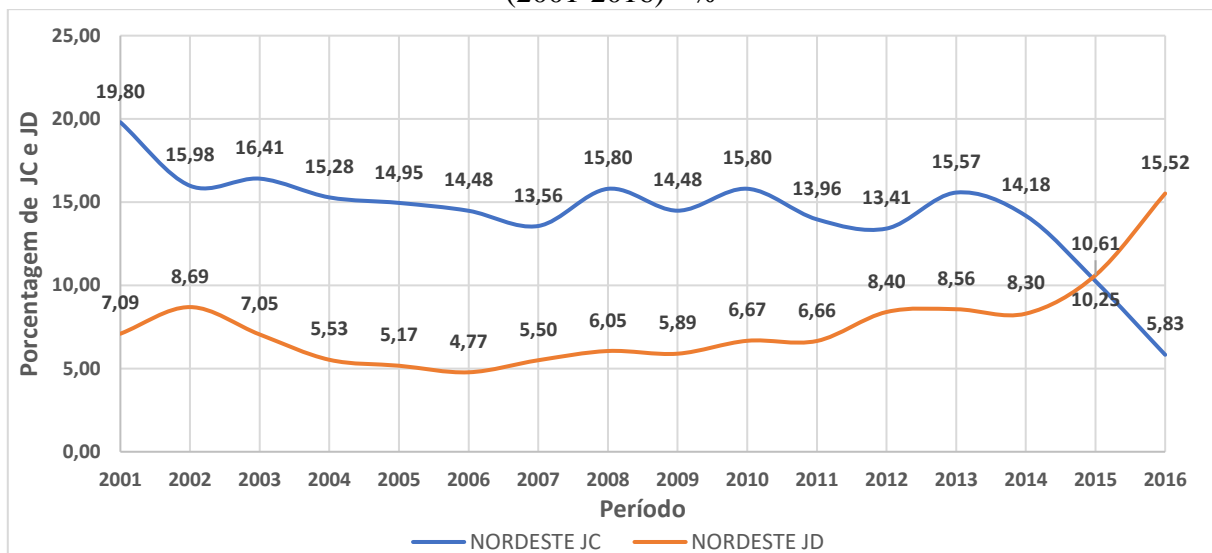
O primeiro ciclo, por sua vez, foi basicamente impulsionado pela taxa de criação bruta, uma vez que sua média no período foi da ordem de 15,65% ao ano, superando a média dessa mesma variável de período geral (2001-2016), que foi de 14,36%. Já o segundo ciclo, foi conduzido pelo aumento da destruição bruta, que teve média de aproximadamente três pontos percentuais a mais em relação a destruição do período de auge, atingindo a percentagem de 9,67% a.a., passando a superar também a média da destruição de todo o período.

¹ Apesar de alguns estados começarem a desacelerar anos antes, caracterizando a heterogeneidade regional.

Analisando a dinâmica das taxas brutas de criação e destruição, a tendência da curva de ambas confirmam os efeitos de suas taxas médias quanto ao impulsionamento e a atenuação nos períodos de auge e declínio, na medida que a curva de criação bruta possui médias relativamente estáveis até 2010, enquanto a destruição bruta começa a subir a taxas superiores aos anos anteriores nesse mesmo ano, chegando a ultrapassar a criação bruta em 2015, passando a ser quase três vezes superior em 2016, resultando em destruição líquida de empregos formais nos dois últimos anos.

Portanto, a grande diferença do segundo período não é apenas a redução da taxa de criação absoluta dos postos de trabalhos formais, mas a subida abrupta do processo de destruição de empregos, resultando na queda gradativa das taxas de criação líquida até atingir taxas de destruição líquida de empregos nos dois últimos anos.

Gráfico 2 – Taxa de Criação e Destruição bruta de postos de trabalhos formais no Nordeste (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Do ponto de vista setorial, quais atividades econômicas comandam essa dinâmica do processo de criação e destruição de empregos? A pergunta é importante à medida em que permite identificar quais setores são protagonistas, tanto no impulsionamento como na atenuação da criação de empregos na região.

2.1. Dinâmica do processo de criação e destruição desagregada por principais setores da atividade econômica do Nordeste

A classificação geral dos grandes setores utilizada pelas pesquisas sobre mercado de trabalho, normalmente é a dada pelo IBGE, que se dividem em oito: Administração Pública;

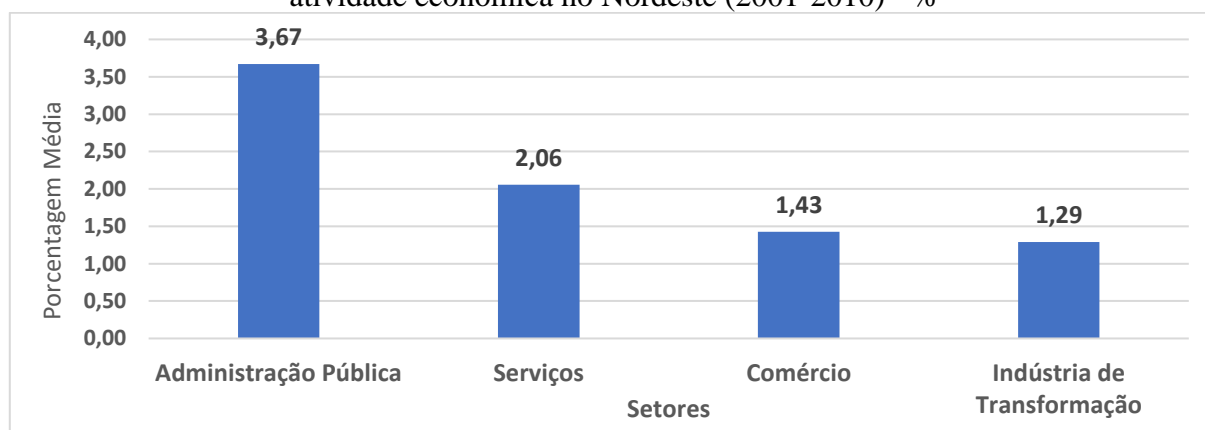
Serviços; Comércio; Indústria de Transformação; Construção civil; Agropecuária, Extração Vegetal, Caça e Pesca; Serviços Industriais de Utilidade Pública (SIUP) e Extração Mineral. No entanto, o presente trabalho preocupa-se em apresentar apenas os resultados dos 4 principais setores que tiveram maior participação na dinâmica do mercado de trabalho formal no Nordeste nos ciclos de auge e declínio, sendo eles: Administração Pública, Serviços, Comércio e Indústria de transformação.²

Como enfatizado no começo desta seção, a média da taxa de criação líquida (NEG) de empregos no Nordeste em todo período, foi de 6,83% a.a. De forma que, os quatro grandes setores da região supracitados, foram responsáveis por 6,20% a.a. do total dessa média, ou seja, apenas quatro setores foram responsáveis por mais de 90% da média integral da variação líquida, enquanto os 4 setores restantes participaram com apenas 0,63% na criação líquida de empregos por ano. Em termos desagregados, a ordem na participação da média da NEG foi a seguinte: Administração Pública com 2,24%, Serviços com 1,94%, Comércio com 1,18% e Indústria de transformação com 0,83%.

Agora levando em consideração apenas a dinâmica do período de auge do mercado de trabalho formal, a média da variação líquida foi de 9,41%, superando o período geral. Enquanto os quatro grandes setores foram responsáveis por 8,45% dessa média ao ano, isto é, mais de 89% da média geral do período, na medida que os outros quatro setores foram responsáveis por apenas 0,97% da média da variação líquida. A ordem de participação por setores da atividade econômica na série histórica de 2001-2016 se mantém no período de expansão, visto que a Administração Pública continua sendo a maior criadora de empregos formais em termos líquidos com 3,67%, seguido pelo setor de Serviços, Comércio e Indústria de Transformação, sendo estes os que mais impulsionaram a criação de empregos formais nesse período, como pode ser observado no gráfico abaixo:

² É importante destacar que o setor de Construção Civil aparece em alguns momentos da análise desagregada por estados (não apresentada nessa pesquisa), visto que sua participação se destaca em estados como o Maranhão.

Gráfico 3 – Taxa média de criação líquida de empregos formais por grandes setores da atividade econômica no Nordeste (2001-2010) - %

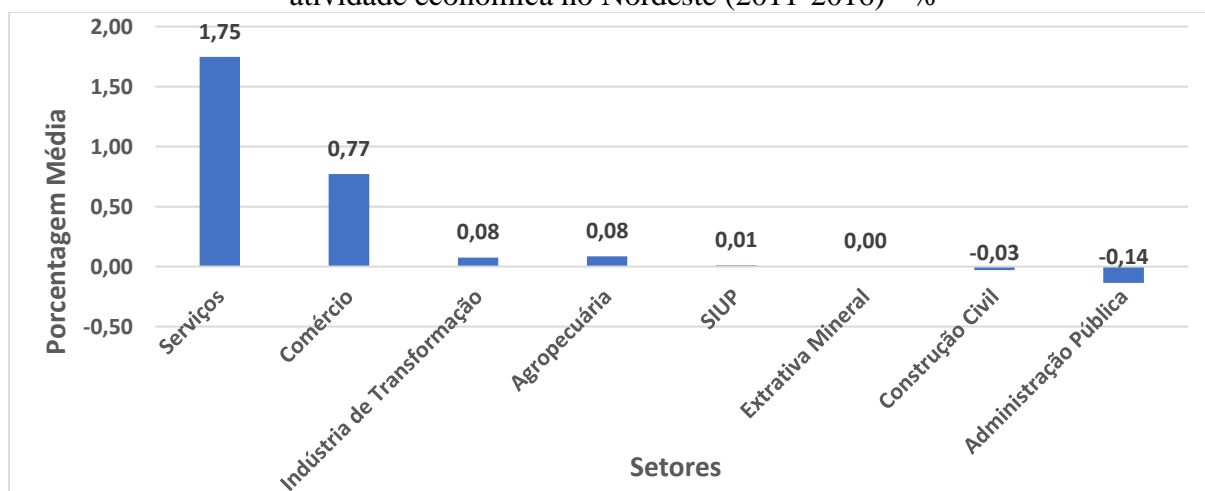


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Já no período de declínio, a taxa média da variação líquida foi de apenas 2,53% a.a., caindo para menos da metade em relação ao período de auge. Nesse caso, a ordem dos principais grandes setores que contribuem para a criação líquida de empregos se altera, de forma que são os setores de Serviços e Comércio que possuem a maior participação na média com 2,52%, criando quase 100% dos postos de trabalho no período, na medida que a Administração Pública e Construção Civil participaram com destruição líquida de empregos com média de - 0,15% a.a.

Dessa forma, o resultado obtido com a análise foi que a ordem por setores se altera, de modo que aquele (Administração Pública) que mais cria no período de auge é o que mais destrói no período de declínio com média de - 0,14% a.a e o setor de serviços passa a ser o maior criador de empregos em termos líquidos com média de 1,75%, criando aproximadamente 70% dos postos de trabalhos formais no período.

Gráfico 4 – Taxa média de criação líquida de empregos formais por grandes setores da atividade econômica no Nordeste (2011-2016) - %



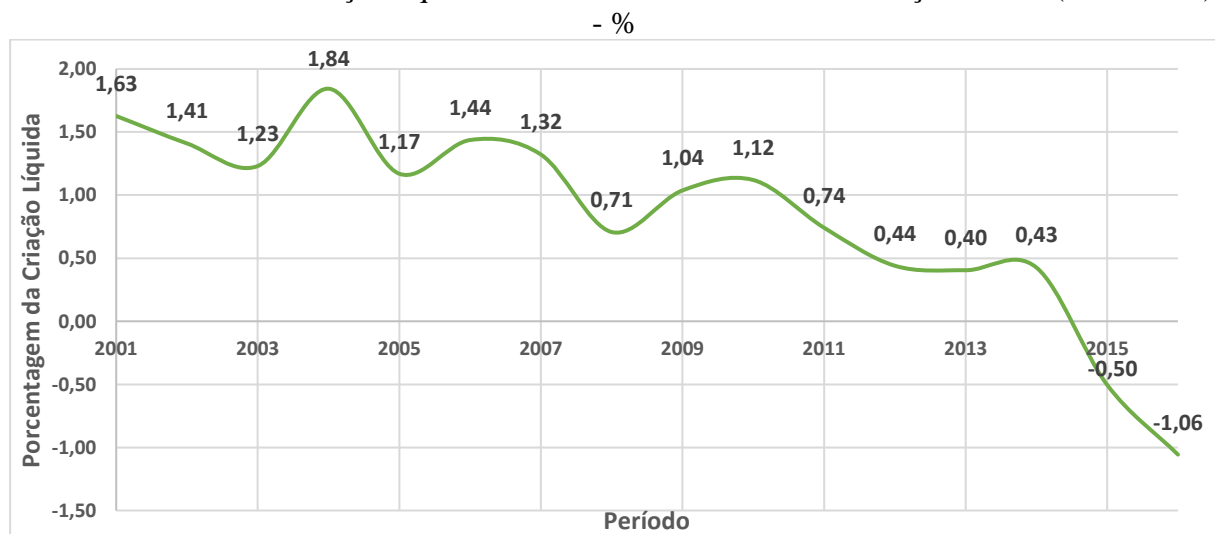
Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

A análise da taxa média de criação líquida dos grandes setores possibilitou identificar quais deles foram protagonistas na criação e destruição líquida de empregos formais no Nordeste nos dois períodos, alguns deles tendo contribuições distintas no período de auge e no de declínio, tendo como destaque o setor de Administração Pública, que no primeiro período foi o que mais criou postos de trabalhos formais, mas em contraposição, no segundo, foi o maior destruidor de empregos em termos líquidos. Enquanto isso, o setor de Serviços foi coadjuvante no primeiro período e no segundo foi protagonista, atenuando significativamente o processo de desaceleração que se agrava.

Esses dois setores, assim como Comércio e Indústria de Transformação, se mostram importantes e estratégicos na economia nordestina, pois é possível observar até que ponto um conjunto de setores é responsável pelo impulsionamento e esmaecimento da criação de empregos, de forma a demonstrar a dependência da economia nordestina a esses setores produtivos, sejam eles público ou privado e como a região pode agir estrategicamente para evitar possíveis períodos de crise no mercado de trabalho formal. Percebendo essas particularidades, optou-se por analisar cada um dos grandes setores individualmente.

Levando em consideração a dinâmica da curva de variação líquida dos quatro principais setores supracitados, observou-se alguns aspectos importantes quanto a tendência de cada um deles: a começar pela Indústria de Transformação, constata-se que esta já vem apresentando tendência de queda desde 2004, acentuando ainda mais a partir de 2010, sendo, pois, um dos primeiros setores a desacelerar, mesmo em parte do período que acontece o auge da formalização de empregos no Nordeste, além de apresentar destruição líquida de postos de trabalhos já a partir de 2015, como pode ser observado no gráfico 05.

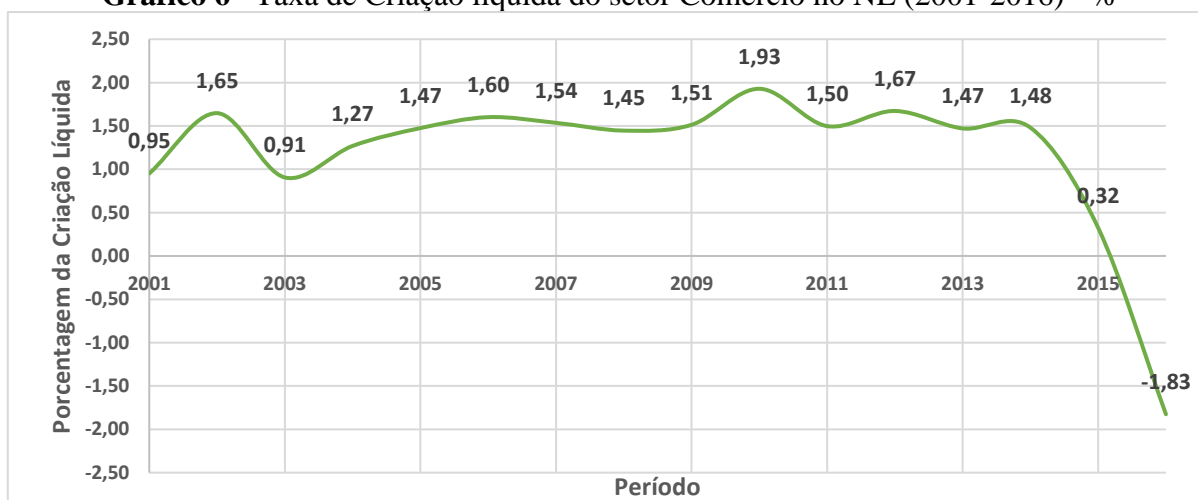
Gráfico 5 – Taxa de Criação líquida do setor Indústria de Transformação no NE (2001-2016)



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Em seguida vem o setor de Comércio, que se mantém relativamente constante até 2014, com poucas oscilações durante o período, mostrando-se resistente quanto a preservação do emprego formal. Sua desaceleração efetiva se inicia a partir de 2015, chegando a apresentar taxas de destruição líquida no último ano na ordem de -1,83%, semelhante ao que acontece na Indústria de Transformação, como verificado no gráfico 06:

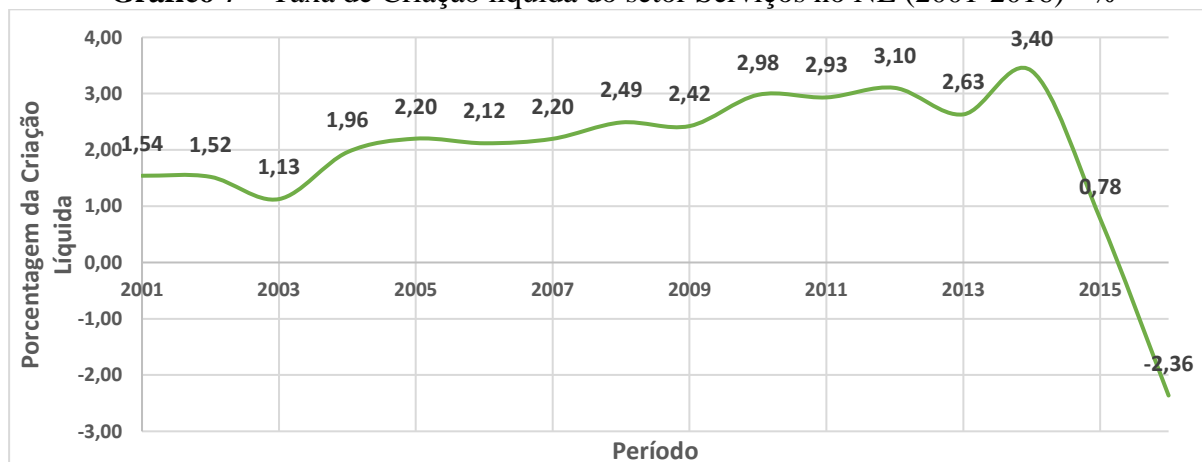
Gráfico 6 – Taxa de Criação líquida do setor Comércio no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

No que diz respeito ao setor de Serviços (gráfico 7), a dinâmica da criação de empregos permanece em ascendência até 2014, com poucas oscilações e só começa a cair de forma abrupta a partir de 2015, apresentando queda muito mais acentuada, comparado a todos os outros setores, passando a ser responsável por 25% da destruição líquida de empregos formais em 2016. Uma observação importante é que este é um dos últimos setores a desacelerar, mantendo-se em crescimento até mesmo no período em que se destaca o declínio do mercado de trabalho formal no Nordeste, que se dá a partir de 2011.

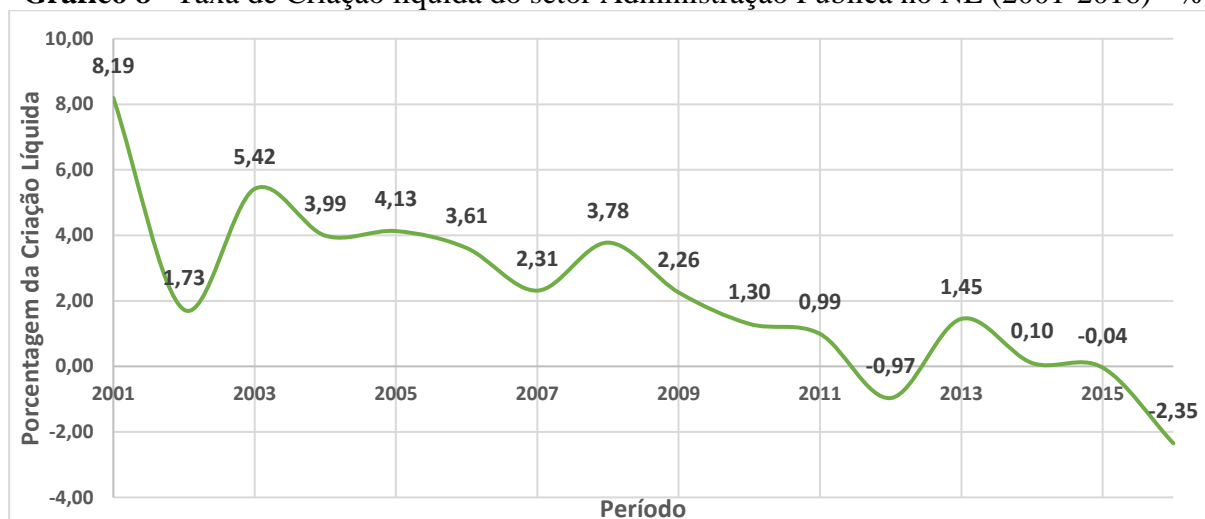
Gráfico 7 – Taxa de Criação líquida do setor Serviços no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Por último, o setor de Administração Pública (gráfico 8), que apesar de já apresentar tendências de desaceleração a partir de 2003, não deixa de ser o setor mais importante da economia nordestina em termos de criação bruta e líquida de postos de trabalhos formais, assim como se apresenta também como maior destruidor em termos brutos e líquidos. Um fato curioso é como se comporta as oscilações da curva de criação líquida desse setor, que são basicamente impulsionados pela criação bruta que alternam de 5 em 5 anos. No entanto, ao contrário dos outros setores, este, em particular, já começa a destruir liquidamente em 2012, tendo continuidade nos anos de 2015 e 2016, destacando que neste último ano o setor apresenta a mesma contribuição percentual do setor de Serviços na destruição líquida de empregos com 25%, juntos, destruindo 50% dos empregos formais em 2016. Levando a concluir que os maiores criadores de postos de trabalhos, também são os maiores destruidores.

Gráfico 8 –Taxa de Criação líquida do setor Administração Pública no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Explanado o desempenho dos quatro principais setores da região Nordeste, observou-se que a tendência comportamental da variação líquida de cada um deles se apresentou da seguinte maneira: levando em conta a iniciativa privada, o setor de Indústria de Transformação foi o primeiro a desacelerar, sendo o primeiro a destruir em termos líquidos os empregos formais no Nordeste. O segundo setor a ser afetado pelo processo de desestruturação do mercado de trabalho formal é o Comércio que, por sua vez, passa a absorver os empregos destruídos no primeiro setor afetado, seguido pelo setor de Serviços, sendo o último a apresentar tendência de queda e o último a absorver postos de trabalhos que acaba sendo destruída aos poucos no setor de Comércio. Quanto ao setor público, e mais especificamente a Administração Pública, embora apresente uma desaceleração que já se inicia em 2003, sua contribuição no primeiro

ciclo é fundamental, por apresentar as maiores taxas médias de criação líquida. Apesar desse mesmo fenômeno não se repetir no segundo ciclo, o setor de Serviços acaba servindo como estabilizador dos impactos causados pelos outros setores na dinâmica do emprego formal.

2.2. Dinâmica do processo de criação e destruição por tamanho de estabelecimentos na atividade econômica do Nordeste

Um aspecto considerado importante a ser estudado no presente trabalho foi a dinâmica do emprego formal do ponto de vista do tamanho das empresas e como se comporta a criação e destruição dos postos de trabalho formais nessa subdivisão. Desse modo, a análise por tamanho de estabelecimentos foi dividida em quatro dimensões: micro, pequena, média e grande empresa, essa subdivisão foi classificada de acordo com a metodologia adotada pelo SEBRAE. As microempresas são os estabelecimentos que possuem de 0-9 empregados formais, a pequena de 10-49, a média de 50-99 e a grande empregando 100 ou mais. É importante salientar que os cálculos referentes as microempresas não levaram em consideração os estoques de 0-4 por motivos já explicitados no primeiro capítulo.

A primeira impressão que o estudo revelou foi que as microempresas embora sejam realmente grandes criadoras de postos de trabalhos formais – principalmente do ponto de vista da criação absoluta –, ao mesmo tempo, elas também são as maiores destruidoras.

No Nordeste, a média de criação absoluta de postos de trabalho formais pelas microempresas de 2001-2016 foi de 35,54%, enquanto as pequenas, médias e grandes criaram em termos absolutos 24,51%, 30,07% e 15,57%, respectivamente. Com isso, é nítido que quem mais cria empregos formais, em taxas absolutas, são as microempresas, seguida pelas médias, pequenas e grandes. Contudo, é importante destacar que essa grande diferença entre os tamanhos só acontece dentro desta variável absoluta.

Quando observado pela ótica da destruição absoluta de empregos formais, verificou-se que as microempresas destruíram, em média, em todo o período, 22,04% a.a. os postos de trabalhos, ou seja, destruiu mais da metade dos empregos formais criados, enquanto as pequenas destruíram 13,23%, as médias 18,75% e as grandes 7,96%, nesse caso, a ordem da criação bruta se mantém, visto que as que mais criam, também são as que mais destroem empregos. Quando se analisa do ponto de vista da criação líquida, a ordem também continua a mesma, entretanto, a diferença percentual entre os três primeiros é pouco significativa, ficando com aproximadamente 2%, enquanto a diferença destas em relação às grandes empresas aumenta para 5% em média.

Portanto, do ponto de vista do tamanho dos estabelecimentos, podemos dividir o processo de criação e destruição líquida de empregos formais em dois grupos de empresas, o primeiro formado pelas micro, criando 13,5%, média com 11,32% e pequena com 11,28%, já que não há diferença significativa da taxa média de criação líquida entre elas, e o segundo, formado pelas grandes empresas que criam em média 7,61% a.a. os empregos formais no Nordeste, quase metade ao que corresponde a criação líquida do primeiro grupo.

Levando em consideração essa dinâmica (tomando como base a variação líquida) nos períodos de auge e declínio que se destacam na região nordestina, constatou-se resultados muito interessantes no primeiro período: a) apesar das micro e médias continuarem sendo as maiores criadoras em termos absolutos, também destruíram mais da metade dos postos de trabalhos criados; b) as pequenas e grandes empresas foram as que menos criaram em termos absolutos, mas em compensação, destruíram menos da metade dos seus empregos criados. Mas quando comparadas as taxas de todas elas em termos líquidos, observou-se pouca diferença entre suas médias, com pouco mais de 1%. Pois conforme mostram os resultados, as empresas de porte médio foram as que mais criaram em termos líquidos com 15,2% a.a., seguido pelas microempresas com 14,15% a.a., pequenas com 13,32% a.a. e grandes com taxa média de 11,4% a.a.

Outro ponto importante a ser destacado no período de auge é que, ao contrário do que se deduz, não foram as microempresas as maiores responsáveis pela criação líquida de empregos,³ mas sim as empresas de médio porte, as maiores criadoras em termos líquidos no período de expansão – mesmo sendo maiores e mais velhas –, contrapondo um dos pressupostos de Gómez-Salvador & Messina (2003), nos quais afirmam que “*the intensity of job reallocation depends on some firm-specific characteristics, in particular job creation tends to be negatively associated with firms age and size*”.

Já no período de declínio, as micro e médias empresas são as que mais criam em termos absolutos, seguido pelas pequenas e grandes empresas, no entanto, todas elas destroem mais de 60% dos postos de trabalhos criados, com a empresa de porte médio chegando a destruir 79% e a grande 90%. Em termos líquidos, as microempresas são as maiores criadoras no período de declínio com média anual de 12,42%, seguido pela pequena com 7,88%, média com 4,87% e grande com apenas 1,31%, nesse caso, a diferença entre as médias líquidas já possuem um intervalo de diferença muito superior ao observado no período de auge, com destaque para a

³ Devido a maior taxa de nascimento das microempresas ter maior probabilidade de acontecer em um ciclo de crescimento e, por sua vez, criar mais postos de trabalhos, como normalmente é enfatizado pela literatura.

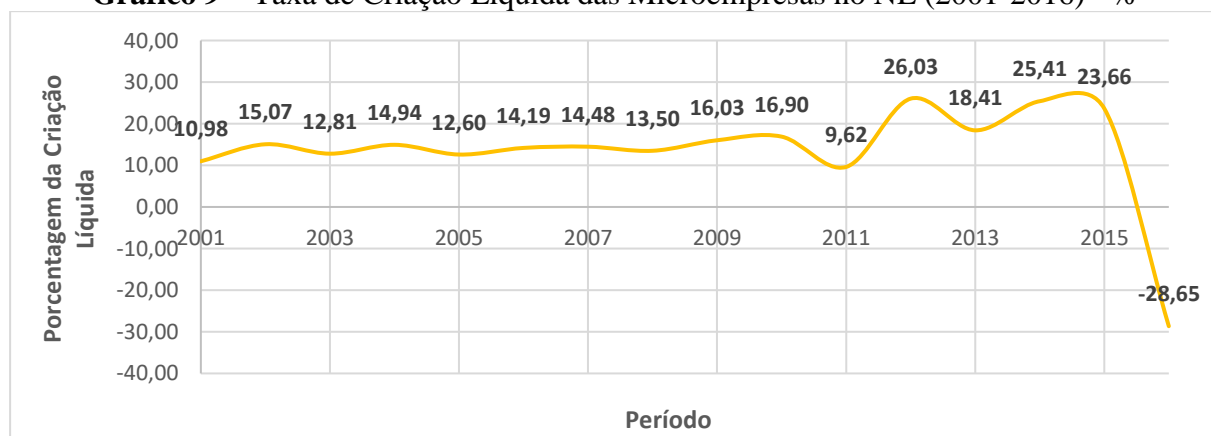
grande empresa que possui taxa média de criação líquida quase 10 vezes menor que a microempresa.

Esse cenário se contrapõe ao primeiro observado, de forma que esperava-se que as micro e pequenas empresas fossem as primeiras a morrer e, por sua vez, destruir os postos de trabalhos formais criados por serem mais novas e menores, tendo, pois, maior fragilidade em manter-se num período de crise, no entanto, são elas que seguram e atenuam a destruição de empregos nesse segundo momento, na medida que as empresas de porte médio e grande (mais velhas e maiores) são as que mais destroem empregos formais, impulsionando a desestruturação do mercado de trabalho formal.

Levando em consideração o dinamismo da curva de taxa de criação líquida por tamanho de empresas ao longo da série histórica apresentada, é possível identificar alguns padrões e tendência em relação a cada uma delas, além da melhor visualização quanto a persistência da criação e destruição líquida de postos de trabalhos formais ao longo do tempo, na medida que também é possível discernir quais delas possuem maior resistência e sensibilidade em relação à conjuntura econômica.

Como pode ser observado no Gráfico 9, as microempresas mantêm suas taxas de criação líquida constantes em todo o período de auge que se encerra em 2010 (com persistência da criação de empregos formais), e no período de crise, sua reação impressiona ao aumentar ainda mais a criação líquida em taxas que superam os anos que antecedem, oscilando de maneira inversa ao ciclo econômico recessivo, impressionando por reagirem positivamente as oscilações conjunturais negativas, e só começam a cair efetivamente em 2016, ao apresentar taxa de destruição líquida de -28,65%. Esse resultado leva a supor que esse tamanho de estabelecimento é um dos últimos a reagirem em períodos de crise, provavelmente por ter pouca sensibilidade a esses períodos, além de ser um dos que atenuam a desaceleração do mercado de trabalho formal.

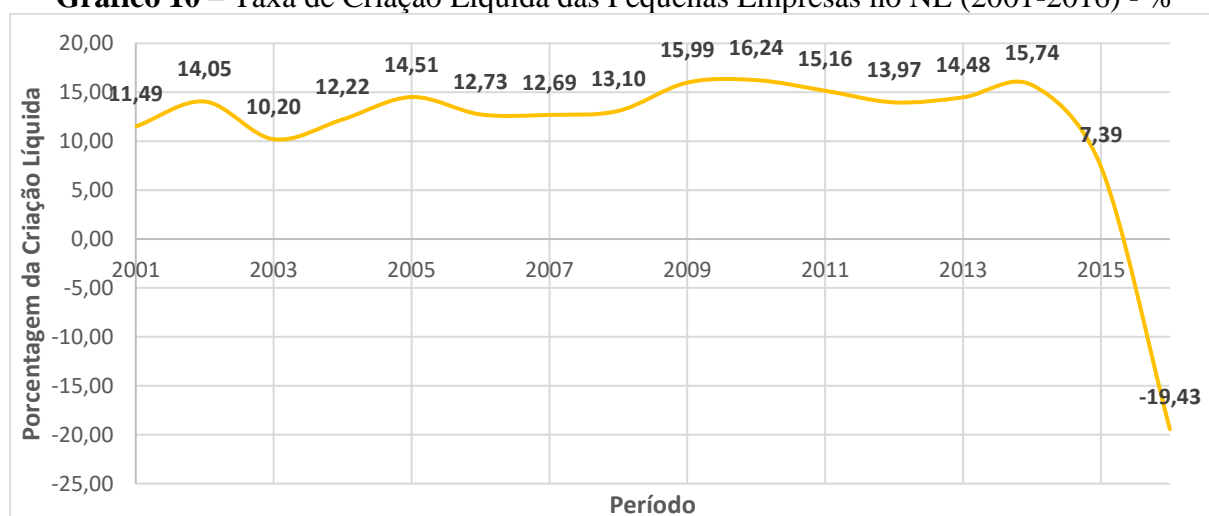
Gráfico 9 – Taxa de Criação Líquida das Microempresas no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Os estabelecimentos de pequeno porte (Gráfico 10), também apresentam resistência ao longo dos dois períodos, persistindo o processo de criação líquida de empregos até 2014, sem oscilações significativas como acontece com as microempresas no período de declínio. Dessa maneira, as pequenas empresas também se apresentam com pouca sensibilidade aos ciclos recessivos, atenuando também o processo de desestruturação no mercado de trabalho que se inicia no Nordeste em 2011, apesar de apresentar queda na criação líquida de empregos um pouco mais cedo comparado as microempresas, visto que suas taxas começam a cair a partir de 2015, expondo taxas de destruição líquida em 2016 na ordem de -19,43%.

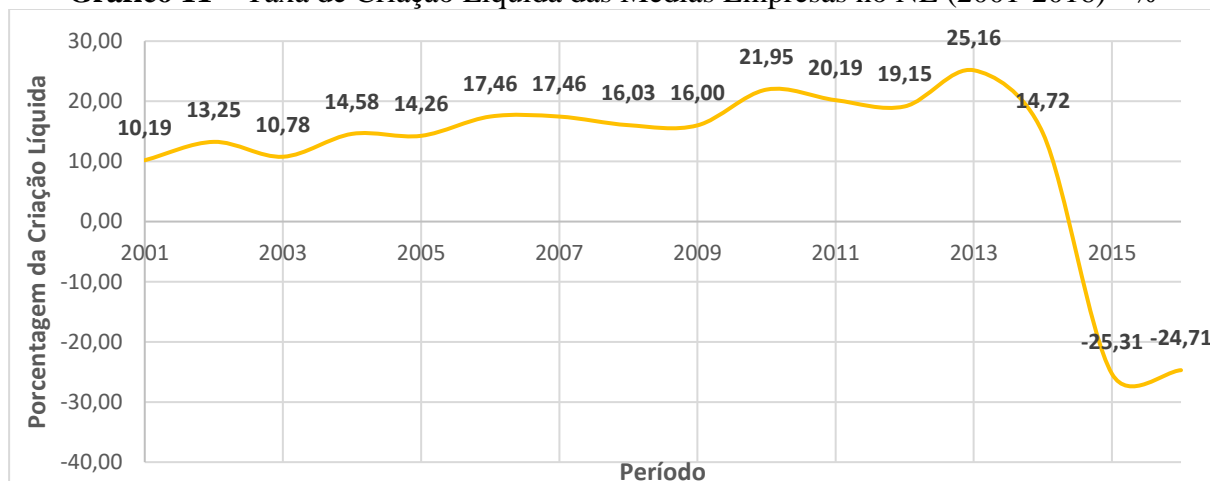
Gráfico 10 – Taxa de Criação Líquida das Pequenas Empresas no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Em relação aos estabelecimentos de porte médio (Gráfico 11), sua trajetória se mantém em ascendência em quase todo período (mesmo depois do período de declínio), se encerrando em 2013. Fato curioso nesse dinamismo é que, ao contrário das micro e pequenas empresas que possuem suas curvas de criação líquida de empregos regular e constante em quase todo o período, as médias se apresentam em crescimento contínuo, possuindo taxas de criação mais altas que as duas primeiras, de tal forma que em 2001 a taxa se inicia com 10,19% e encerra em 2013 com taxa mais de duas vezes superior a primeira observada, com 25,16%. Apesar do dinamismo da curva de criação líquida das empresas médias estarem em tendência de crescimento, ela é interrompida mais cedo que os outros estabelecimentos até agora apresentados, visto que a queda na criação de empregos já se inicia em 2014, manifestando taxas de destruição líquida em 2015 e 2016, com taxas de -25,31% e -24,71%, respectivamente.

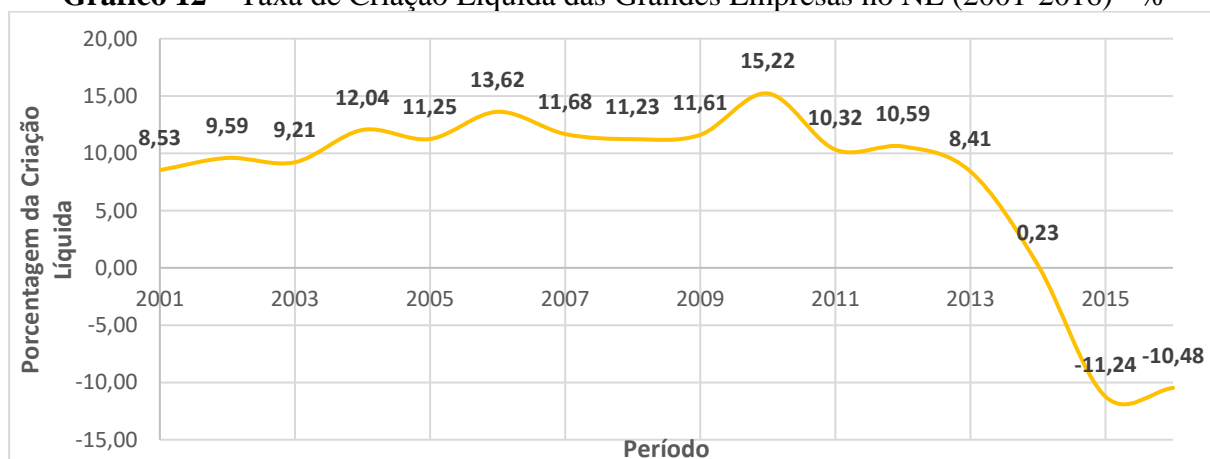
Gráfico 11 – Taxa de Criação Líquida das Médias Empresas no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

E por fim, apresenta-se a dinâmica da curva de criação líquida dos estabelecimentos de grande porte. Este, por sua vez, da mesma forma que as empresas de porte médio, vem apresentando crescimento nas taxas de criação até 2010, embora com valores mais modestos, crescendo quase duas vezes em 2010 em relação a 2001, visto que sua evolução em taxas de líquidas passa de 8,53% para 15,22%. No entanto, uma das primeiras observações importantes quanto a esse tamanho de estabelecimento, é sua forte sensibilidade ao ciclo econômico, de modo que no período de auge as grandes empresas reagem criando postos de trabalho de maneira crescente, enquanto no período de declínio esse fenômeno se inverte, passando a apresentar queda nas taxas de criação líquida já a partir de 2011 e destruição líquida nos dois últimos anos com taxas de -11,24% e -10,48%, respectivamente. Dessa forma, sua persistência na criação de empregos se encerra em 2010, coincidindo perfeitamente com o período de auge, por outro lado, a persistência na queda dessa criação líquida se inicia em 2011, correspondendo ao período de declínio.

Gráfico 12 – Taxa de Criação Líquida das Grandes Empresas no NE (2001-2016) - %



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da Rais identificada

Portanto, de acordo com os resultados acima apresentados, pode-se concluir que em momentos que se manifestam uma conjuntura econômica recessiva, as micro, pequenas e médias empresas são as últimas a reagirem negativamente a criação líquida de empregos formais, mostrando-se até mesmo como atenuadoras desse processo de desaceleração, enquanto as grandes empresas são as primeiras a manifestarem os impactos conjunturais da economia sob o mercado de trabalho formal.

3. CONCLUSÃO

Analisado todos os dados presentes e a problemática no seu entorno quanto aos momentos de auge e de declínio no mercado de trabalho formal por setores, a hipótese de que a criação e destruição de postos de trabalho no Nordeste se comporta de maneira distinta entre os principais setores e tamanhos de estabelecimentos se confirmou.

Um dos primeiros resultados encontrados foi como se deu a divisão da dinâmica da criação líquida de empregos no mercado de trabalho formal do Nordeste, tendo ele dois ciclos: o primeiro correspondente ao período de auge, que se dá de 2001 a 2010 e o segundo de declínio que ocorre entre 2011 e 2016.

Tomando como base esses dois períodos, ambos se comportaram de maneiras distintas, o primeiro que confere ao período de auge, é caracterizado pelo processo de crescimento de empregos formais, chegando a alcançar taxa média de criação líquida na ordem de 9,41% a.a. em relação a taxa de criação líquida de empregos e o segundo período, com taxa média de criação da ordem de 2,53% a.a.. Caracterizando uma desaceleração do processo criação de postos de trabalhos até chegar à destruição líquida destes nos dois últimos anos da série, 2015 e 2016.

O primeiro ciclo, foi basicamente impulsionado pela taxa de criação bruta, uma vez que sua média no período foi da ordem de 15,65% a.a.. Já o segundo, foi conduzido pelo aumento da destruição bruta, que teve média de aproximadamente três pontos percentuais a mais em relação a destruição do período de auge, atingindo a percentagem de 9,67% a.a..

Na seção 2.1 foi analisado como se deu a dinâmica de criação de empregos tomando como base os principais setores que se destacaram na região nordestina, destacando-se o período geral e os ciclos de auge e declínio. A média da taxa de criação líquida de empregos no Nordeste em todo período, foi de 6,83% a.a., na medida que, os setores de Administração Pública, Serviços, Comércio e Indústria de transformação, foram responsáveis por 6,20% a.a.

do total dessa média, ou seja, apenas quatro setores foram responsáveis por mais de 90% da média integral da variação líquida.

O resultado obtido com a análise foi que a ordem desagregada por setores se altera quando comparados os períodos de auge e declínio, de modo que o setor que mais cria no período de auge (Administração Pública) é o que mais destrói no período de declínio e o setor de serviços passa a ser o maior criador de empregos em termos líquidos, criando aproximadamente 70% dos postos de trabalhos formais no período.

Na seção 2.2 foi analisado o processo de criação e destruição do ponto de vista do tamanho dos estabelecimentos, o presente estudo dividiu o processo de criação e destruição líquida de empregos formais em dois grupos de empresas no que diz respeito ao período geral, o primeiro formado pelas micro, criando 13,5%, média com 11,32% e pequena com 11,28% (por não terem diferenças significativas entre elas), e o segundo, formado pelas grandes empresas que criam em média 7,61% a.a. os empregos formais no Nordeste, quase metade ao que corresponde a criação líquida do primeiro grupo.

Quando comparadas as taxas de todas elas em termos líquidos no período de auge, observou-se pouca diferença entre suas médias. Pois, conforme mostram os resultados, as empresas de porte médio foram as que mais criaram em termos líquidos com 15,2% a.a., seguido pelas microempresas com 14,15% a.a., pequenas com 13,32% a.a. e grandes com taxa média de 11,4% a.a. Outro ponto importante nesse período é que, ao contrário do que se supõe, não foram as microempresas as maiores responsáveis pela criação líquida de empregos, mas sim as empresas de médio porte – mesmo sendo maiores e mais velhas.

Já no período de declínio, em termos líquidos, as microempresas são as maiores criadoras com média anual de 12,42%, seguido pela pequena com 7,88%, média com 4,87% e grande com apenas 1,31%, nesse caso, a diferença entre as médias líquidas já possuem um intervalo de diferença muito superior ao observado no período de auge, com destaque para a grande empresa que possui taxa média de criação líquida quase 10 vezes menor que a microempresa.

Além disso, também se comprovou que “a criação de empregos tende a ser negativamente associada à idade e ao tamanho das empresas” (GÓMEZ-SALVADOR et al., 2003), pois como se observou, as microempresas que são as menores e costumam ser as mais novas no mercado, são as que mais criam e as que mais destroem no período como um todo. Apesar de apresentar algumas peculiaridades que se contrapõem, como as empresas de porte médio criarem mais em termos líquidos no período de auge e as micro criarem mais em termos líquidos no período de declínio.

De forma geral, a dinâmica de emprego no Nordeste ao longo dos últimos 16 anos está dividida em dois períodos distintos: um período de auge que corresponde a 2001-2010 e um período de declínio de 2011 a 2016 cujas taxas médias de criação líquida são 9,41% a.a. e 2,53% a.a., respectivamente. Os setores com maior protagonismo nesse processo são: Administração Pública, Serviços, Comércio e Indústria de Transformação. Esses setores apresentam especificidades, visto que o setor de Indústria de Transformação começa a desacelerar mais cedo (2004), ao passo que o setor de Comércio possui estabilidade até 2014, já o setor de Administração pública, possui oscilações de cinco em cinco anos, enquanto o setor de Serviços, é o último a desacelerar evidenciando que os setores respondem de maneira diferente, no tocante ao emprego, às flutuações da atividade econômica.

Dentre os tamanhos de estabelecimentos com maior protagonismo, destacaram-se: as micro, pequenas e médias empresas. Cada tamanho tem suas especificidades, visto que as microempresas possuem estabilidades na criação líquida de empregos até 2011 e aumentam a criação no período que se agrava a crise (2012-2015), ao passo que as pequenas empresas permanecem estáveis em quase toda a série histórica, desacelerando apenas nos dois últimos anos, já as empresas de porte médio obedecem uma dinâmica semelhante as pequenas empresas, apesar de desacelerar a partir de 2014, enquanto as grandes empresas são as primeiras a declinarem no processo de criação líquida de emprego, acompanhando fielmente o ciclo de auge e crise da economia, evidenciando que os tamanhos respondem de maneira diferente, no tocante ao emprego, às flutuações da atividade econômica.

REFERÊNCIAS

CENTENO, Mário; MACHADO, Carla; NOVO, Álvaro A. **A Criação e Destruição de Emprego em Portugal**. Boletim Econômico: Banco de Portugal (2007). p. 79-108.

CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SANTOS, D. D.; DIAS, R. F. **Criação, destruição e realocação de emprego no Brasil**. In: XXIX Encontro Nacional de Economia - ANPEC, 2001, Salvador, SP. Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia - ANPEC. Campinas, SP: ANPEC, 2001.

DAVIS, S. J.; HALTIWANGER, J. **Gross job flows**. In: ASHENFELTER, O.; CARD, D. (Eds.). Handbook of labor economics, Amsterdam: Elsevier, 3b, 1999.

DAVIS, Steven J.; HALTIWANGER, John. **Gross Job Creation, Gross Job Destruction, and Employment Reallocation**. The Quarterly Journal of Economics, Vol. 107, No. 3 (august of 1992), pp. 819-863.

GÓMEZ-SALVADOR, R.; MESSINA, J. **Gross job flows and institutions in Europe**. IZA Working Paper Series, 2004.

IBGE. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados – CAGED**. Disponível em: <<https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/mte/cadastro-geral-de-empregados-e-desempregados-caged.html>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

IBGE. **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS**. Disponível em: <<https://ces.ibge.gov.br/base-de-dados/metadados/mte/relacao-anual-de-informacoes-sociais-rais>> Acesso em: 20 de agosto de 2018.

PAZELLO; Elaine Toldo; BIVAR, Wasmália; GONZAGA, Gustavo. **Criação e destruição de postos de trabalho por tamanho de empresa na indústria brasileira**. Pesq. Plan. Econ., v. 30, n. 2, p. 259-288, ago. 2000.

RIBEIRO, E. P. **Cap. 1: Criação, Destruição e Realocação De Empregos: Conceitos E Medidas**. In: CORSEUIL, C.H. e SERVO, L.M.S. (Org.). **Criação, Destruição e Realocação de Empregos no Brasil**. Brasília: IPEA, 2007, v., p. 15-24.

RIBEIRO, E. P.; PEREIRA, Filipe Keuper Rodrigues. **Criação e destruição de emprego na indústria e os efeitos do câmbio e da abertura comercial: o caso da indústria gaúcha nos anos 1990**. Economia Aplicada (São Paulo), v. 10, n. 3, 2006. p. 325-348.

SERVO, L. S.; FURTADO, P.; AMORIM, B.; CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SOUZA, A.L. **Cap. 4: Criação, destruição e realocação de postos de trabalho por setores**. In: CORSEUIL, C.H. e SERVO, L.M.S. (Org.). **Criação, Destruição e Realocação de Empregos no Brasil**. Brasília: IPEA, 2007, v., p. 51-66.

SERVO, L. S.; FURTADO, P.; AMORIM, B.; CORSEUIL, C. H.; RIBEIRO, E. P.; SOUZA, A.L. **Cap. 3: Resultados para Outros Países e Análise das Medidas para o Brasil: agregadas por tamanho e por região**. In: CORSEUIL, C.H. e SERVO, L.M.S. (Org.). **Criação, Destruição e Realocação de Empregos no Brasil**. Brasília: IPEA, 2007, v., p. 35-50.

SILVA FILHO, L. A.; QUEIROZ, Silvana Nunes de; ARAÚJO, J. B.; SILVA, F. J. F. **Criação e destruição de empregos na indústria metropolitana do Nordeste**. Revista de Economia (Curitiba), v. 40, p. 71-96, 2014.